

ARSÈNE
LUPIN



MAURICE LEBLANC

AS
CONFISSÕES DE
ARSÈNE
LUPIN

Tradução
Ana Brandão



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em francês
Les confidences d'Arsène Lupin

Produção editorial e projeto gráfico
Ciranda Cultural

Texto
Maurice Leblanc

Diagramação
Linea Editora

Tradução
Ana Brandão

Imagens
Orfeev/shutterstock.com;
ducu59us/shutterstock.com;
alex74/shutterstock.com;

Preparação
Jéthero Cardoso

YurkaImmortal/shutterstock.com

Revisão
Fernanda R. Braga Simon

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

L445c	Leblanc, Maurice As confissões de Arsène Lupin / Maurice Leblanc ; traduzido por Ana Brandão. - Jandira, SP : Principis, 2021. 224 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Arsène Lupin) Tradução de: Les confidences d'Arsène Lupin ISBN: 978-65-5552-342-3 1. Literatura francesa. 2. Romance. 3. Ficção. I. Brandão, Ana. II. Título. III. Série.
2021-343	CDD 843 CDU 821.133.1-3

Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura francesa 843
2. Literatura francesa 821.133.1-3

1ª edição em 2021

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

Uma recompensa de duzentos mil francos!.....	7
A aliança de casamento	30
O signo da sombra	50
A armadilha infernal.....	73
A echarpe de seda vermelha	98
Sob a sombra da morte	123
Uma tragédia na Floresta das Morgues	145
O casamento de Lupin	157
O prisioneiro invisível.....	183
Edith Pescoço de Cisne.....	200



UMA RECOMPENSA DE DUZENTOS MIL FRANCOS!

– Lupin – disse eu –, conte-me algo sobre você.

– Ora, e o que você gostaria que eu contasse? Todos conhecem a minha vida! – respondeu Lupin, deitado com ar sonolento no sofá do meu escritório.

– Ninguém conhece! – protestei. – As pessoas sabem, por suas cartas nos jornais, que você esteve envolvido nesse caso, que começou aquele. Mas a sua parte em todos eles, os fatos concretos da história, o desfecho do mistério: todas essas são coisas das quais elas não têm conhecimento.

– Ora essa! Um monte de baboseiras desinteressantes.

– O quê? O seu presente de cinquenta mil francos para a esposa de Nicolas Dugrival! Você chama isso de desinteressante? E a forma como você resolveu o enigma dos três quadros?

Lupin riu.

– Sim, aquele certamente foi um enigma estranho. Posso sugerir um título para você, se quiser: o que acha de *O signo da sombra*?

– E os seus sucessos na sociedade e com o sexo oposto? – prossegui.
– Os romances do intrépido Arsène. E a pista para suas boas ações? Esses capítulos da sua vida que você mencionou tão frequentemente sob os títulos de *A aliança de casamento*, *Sob a sombra da morte*, e assim por diante! Por que postergar essas confidências e confissões, meu caro Lupin? Vamos, faça o que peço!

Isso aconteceu naquela época em que Lupin ainda não tinha travado suas batalhas mais conhecidas, apesar de já ser famoso; a época que precedia as grandes aventuras de *A agulha oca* e *813*. Ele ainda nem sonhava em obter os tesouros acumulados da Casa Real Francesa¹ ou em mudar o mapa da Europa bem embaixo do nariz do Cáiser²: contentava-se com surpresas mais leves e lucros mais humildes, em cumprir seu esforço diário, fazendo o mal todos os dias e um pouquinho de bem também, naturalmente e por amor à coisa, como um Dom Quixote extravagante e compassivo.

Ele estava em silêncio e eu insisti:

– Lupin, gostaria que contasse!

Para minha surpresa, ele respondeu:

– Pegue uma folha de papel, velho amigo, e um lápis.

Eu obedeci a ele com rapidez, encantado com o pensamento de que ele finalmente iria ditar para mim algumas daquelas páginas que ele sabe como enfeitar com tanto vigor e capricho, páginas que eu, infelizmente, sou obrigado a desvirtuar com explicações tediosas e progressos enfadonhos.

– Está pronto? – perguntou.

– Sem dúvida.

– Anote. 14, 1, 15, 19, 5, 5.

– O quê?

– Anote, estou dizendo.

Ele agora estava sentado, com os olhos voltados para a janela aberta e seus dedos enrolando um cigarro de tabaco turco. Ele continuou:

¹ Em *A agulha oca*, de Maurice Leblanc.

² Em *813*, de Maurice Leblanc.

AS CONFISSÕES DE ARSÈNE LUPIN

– Anote. 18, 18, 9, 19...

Ele parou. E então continuou:

– 17, 21, 5, 19...

E, depois de uma pausa:

– 5, 13, 14...

Tinha enlouquecido? Olhei-o detidamente e em pouco tempo percebi que seus olhos não estavam mais desligados, como estiveram há instantes, mas perspicazes e atentos, e pareciam estar observando, em alguma parte do espaço, algo que aparentemente os fascinava.

Enquanto isso, continuava ditando, com intervalos entre cada número.

– 5, 3, 5, 19, 19...

Havia pouquíssimo a ser visto pela janela, apenas um pedaço de céu azul à direita e a fachada de uma construção do outro lado, um velho casarão, cujos postigos estavam fechados, como de costume. Não havia nada específico a respeito de tudo isso, nenhum detalhe que me parecesse novo dentre aqueles que estavam há anos diante dos meus olhos...

– 9, 4...

Então entendi subitamente... Ou achei que entendi, pois como poderia admitir que Lupin, um homem que era tão sensato sob sua máscara de frivolidade, perderia seu tempo com uma tolice tão infantil? O que ele contava eram os lampejos intermitentes de um raio de sol brincando na fachada escura da casa do lado oposto, na altura do segundo andar!

– 1, 4... – disse Lupin.

O lampejo desapareceu por alguns segundos e então atingiu a casa novamente, sucessivamente, em intervalos regulares, e desapareceu mais uma vez.

Eu contei os lampejos instintivamente e disse, em voz alta:

– 5...

– Entendeu o raciocínio? Meus parabéns! – respondeu ele, sarcástico.

Ele foi até a janela e se curvou para fora, como se quisesse descobrir a direção exata que o raio de luz tinha seguido. Voltou, então, e se deitou novamente no sofá, dizendo:

– É sua vez agora. Continue contando!

O meu colega parecia tão confiante que fiz o que mandou. Além disso, não podia evitar confessar que havia algo curioso a respeito da frequência ordenada desses brilhos na fachada da casa do lado oposto, essas aparições e desaparecimentos indo e vindo, como vários sinais brilhosos.

Eles obviamente vinham de uma casa do nosso lado da rua, pois o sol chegava às minhas janelas obliquamente. Era como se alguém estivesse abrindo e fechando uma janela alternadamente, ou, mais provável, que alguém estivesse se divertindo fazendo lampejos com a luz do sol em um pequeno espelho.

– É uma criança brincando! – exclamei depois de um tempo, sentindo-me um pouco irritado pela ocupação trivial que me fora imposta.

– Tanto faz, continue!

E continuei contando... E anotei fileiras de números... E o sol continuou a brincar diante de mim com uma precisão matemática.

– E então? – disse Lupin, depois de uma pausa mais longa do que de costume.

– Ora, parece que acabou... Não tem mais nada há alguns minutos.

Esperamos e, conforme nenhuma luz brilhou naquele espaço, eu disse, zombeteiro:

– Acredito que foi uma perda de tempo. Alguns números em uma folha de papel: um resultado medíocre.

Lupin, sem se levantar do sofá, respondeu:

– Faça-me um favor, caro amigo, e coloque no lugar de cada um desses números a letra correspondente do alfabeto. Conte A como 1, B como 2, e assim sucessivamente. Entendeu?

– Mas isso é uma idiotice!

– Uma idiotice completa, mas fazemos várias coisas assim na vida... Uma a mais ou a menos, tanto faz.

Sentei-me para fazer essa tarefa tola e escrevi as primeiras letras:

“*Não se...*”

Parei com surpresa:

- Palavras! – exclamei. – Duas palavras completas que querem dizer...
- Continue, amigo.

Eu continuei, e as próximas letras formaram mais duas palavras, que eu separei conforme foram surgindo. E, para minha grande surpresa, uma oração completa aparecia diante dos meus olhos.

- Terminou? – perguntou Lupin depois de um tempo.
- Terminei. Aliás, há alguns erros de ortografia...
- Não se importe com eles e leia a mensagem, por favor... Leia devagar. Então eu li a seguinte mensagem, incompleta, que registrarei aqui como aparecia no papel diante de mim:

Não se errisque sem necessidade. Sobretudo, evite ataques, aproxime-se com muita prudência do inimigo e...

Comecei a rir:

- Veja só! *Fiat lux*³! Estamos simplesmente aturdidos pela luz! Mas Lupin, no fim das contas, confesse que esse conselho, dado aos pouquinhos por uma criada, não o ajuda muito!

Lupin se levantou sem quebrar seu silêncio desdenhoso e pegou a folha de papel.

Pouco depois disso me lembrei de que, nesse instante, eu olhei para o relógio. Eram dezessete horas e dezoito minutos.

Lupin estava de pé com a folha de papel em suas mãos; e eu pude observar com tranquilidade aquela extraordinária mobilidade de expressão em seus traços jovens que desorienta todos os seus observadores e constitui sua maior força e principal salvaguarda. Quais são os sinais que alguém pode usar para identificar um rosto que muda a seu bel-prazer, mesmo sem o auxílio de maquiagem, e de quem todas as expressões momentâneas parecem ser a expressão final e definitiva? Quais são os sinais? Havia um que eu conhecia bem, um sinal invariável: duas pequenas rugas

³ *Fiat lux* é uma expressão latina traduzida frequentemente como “faça-se a luz”, ou “que haja luz”, remetendo à passagem bíblica da criação divina da luz descrita em *Gênesis* 1:3. (N.T.)

cruzadas que apareciam em sua testa sempre que fazia um grande esforço de concentração. E eu a via naquele momento, a cruz reveladora, clara e profunda.

Ele soltou a folha de papel e murmurou:

– Brincadeira de criança!

O relógio mostrava que eram dezessete e trinta.

– Como assim? – exclamei. – Você resolveu? Em doze minutos?

Ele andou pela sala, acendeu um cigarro e disse:

– Poderia ligar para o barão Repstein, por favor, e dizer que estarei com ele às vinte e duas horas de hoje?

– Barão Repstein? – perguntei. – O marido da famosa baronesa?

– Sim.

– Está falando sério?

– Bastante sério.

Sentindo-me completamente perdido, mas incapaz de resistir, abri a lista telefônica e tirei o aparelho do gancho. Naquele momento, porém, Lupin me interrompeu com um gesto peremptório e disse, com os olhos no papel que tinha pegado novamente:

– Não, não diga nada... Não adianta avisá-lo... Há algo mais urgente... Algo estranho que me intriga... Por que diabos a última frase não está completa? Por que a frase...

Ele pegou seu chapéu e a bengala.

– Vamos andando. Se não estou enganado, esse é um assunto que precisa de uma solução imediata; e não acho que eu esteja enganado.

Ele passou o braço pelo meu enquanto descíamos as escadas e disse:

– Sei o mesmo que todos sabem. O barão Repstein, financista e um entusiasta das corridas, cujo cavalo Etna ganhou neste ano o Derby de Epsom e o Grand Prix de Paris, foi enganado pela esposa. Ela, que era muito conhecida por seu cabelo claro, suas roupas e sua extravagância, fugiu há duas semanas, levando consigo uma soma de três milhões de francos, roubada do marido, e uma grande coleção de diamantes, pérolas e joias que a princesa de Berny deixara em suas mãos e ela iria comprar.

A polícia perseguiu a baronesa pela França e pelo continente durante duas semanas: um trabalho fácil, já que ela deixava ouro e joias por onde passava. Pensavam que a capturariam a qualquer instante. Dois dias atrás nosso detetive campeão, o ilustre Ganimard, prendeu uma visitante em um grande hotel na Bélgica, uma mulher contra quem as provas mais certas pareciam se acumular. No interrogatório, a dama revelou-se uma notória atriz de teatro chamada Nelly Darbal. Quanto à baronesa, tinha desaparecido. O barão, por sua conta, ofereceu uma recompensa de duzentos mil francos para quem encontrar sua esposa. O dinheiro está nas mãos de um advogado. Além disso, ele vendeu de uma só tacada seu cavalo de corridas, sua casa na Alameda Haussman e sua casa de campo em Roquencourt para poder indenizar a princesa de Berny por sua perda.

– E o valor da venda será pago em breve – acrescentei. – Os jornais dizem que a princesa receberá seu dinheiro amanhã. Mas, francamente, não consigo ver a conexão entre essa história, que você contou muito bem, e a frase enigmática...

Lupin não se dignou de responder.

Caminhávamos pela rua em que eu moro e já passáramos por quatro ou cinco casas quando ele desceu para o meio-fio e começou a examinar um bloco de apartamentos, não muito novos, que pareciam conter um grande número de inquilinos.

– De acordo com meus cálculos – disse –, os sinais vieram daqui, provavelmente daquela janela aberta.

– No terceiro andar?

– Sim.

Ele foi à porteira e perguntou:

– Algum dos seus inquilinos por acaso é conhecido do barão Repstein?

– Ora, claro que sim! – respondeu a mulher. – Temos aqui o senhor Lavernoux, um cavalheiro tão gentil; ele é secretário e administrador do barão. Eu cuido do apartamento dele.

– E podemos vê-lo?

– Vê-lo? O pobre cavalheiro está muito doente.

– Doente?

– Está doente há duas semanas... Desde a situação com a baronesa...

Ele chegou a casa no dia seguinte com a temperatura alta e ficou na cama.

– Mas certamente ele se levanta?

– Ah, isso não sei dizer!

– Como assim, não sabe dizer?

– O médico dele não deixa que ninguém entre em seu quarto. Ele tomou minha chave.

– Quem tomou?

– O médico. Ele vem e atende às necessidades dele, duas ou três vezes ao dia. Ele saiu daqui há apenas vinte minutos... um cavalheiro velho com uma barba grisalha e óculos... Anda bem encurvado... Mas aonde está indo, senhor?

– Vou subir, mostre-me o caminho – disse Lupin, já com o pé na escada. – É no terceiro andar, não é? À esquerda?

– Mas não devo ir até lá! – gemeu a porteira, correndo atrás dele.

– Além disso, não tenho a chave... O médico...

Eles subiram os três lances de escada, um atrás do outro. No patamar, Lupin tirou uma ferramenta do bolso e, sem se importar com os protestos da mulher, colocou-a na fechadura. A porta cedeu quase imediatamente. Entramos.

Nos fundos de um pequeno cômodo escuro, vimos uma faixa de luz passando por uma porta que fora deixada entreaberta. Lupin atravessou o cômodo e gritou ao chegar à porta:

– Oh, maldição! Tarde demais!

A porteira caiu de joelhos, como se desmaiasse.

Entrei no quarto, depois deles, e vi um homem deitado seminu no carpete, com as pernas enroscadas, os braços contorcidos e o rosto bem pálido, um rosto macilento, descarnado, com os olhos ainda petrificados de terror e a boca torcida em um esgar horrível.

– Está morto – disse Lupin após um rápido exame.

– Mas por quê? – exclamei. – Não há nem rastros de sangue!

– Sim, há alguns – respondeu Lupin, apontando para duas ou três gotas que apareciam no peito, através da camisa aberta dele. – Veja, devem tê-lo segurado pela garganta com uma mão enquanto furavam seu coração com a outra. E eu digo “furavam” porque a ferida realmente nem pode ser vista. Isso sugere que o buraco foi feito por uma agulha muito longa.

Ele observou o chão em volta do cadáver. Não havia nada que chamasse sua atenção, além de um pequeno espelho de bolso, o pequeno espelho com o qual o senhor Lavernoux tinha se entretido fazendo os raios de sol dançar pelo espaço.

Mas repentinamente, conforme a porteira começava a lamentar e a chamar por ajuda, Lupin pulou para cima dela e a sacudiu:

– Pare com isso! Ouça-me... Pode chamar ajuda depois... Ouça e me responda. Isto é de suma importância. O senhor Lavernoux tinha um amigo vivendo nesta rua, não tinha? Do mesmo lado, à direita? Um amigo íntimo?

– Sim.

– Um amigo com quem ele se encontrava na cafeteria no fim da tarde e com quem trocava os jornais ilustrados?

– Sim.

– Esse amigo era inglês?

– Sim.

– Qual o nome dele?

– Senhor Hargrove.

– Onde ele mora?

– No número 92.

– Mais uma coisa: o velho médico cuidava dele havia muito tempo?

– Não. Eu não o conhecia. Ele veio no dia em que o senhor Lavernoux ficou doente.

Sem outra palavra, Lupin me arrastou, desceu as escadas correndo e, já na rua, virou à direita, o que fez com que passássemos na frente do meu apartamento mais uma vez. Depois de outras quatro portas, ele parou no